Visita Regia aos Açores

ILHA TERCEIRA 1901

Archivo dos artigos commemorativos, descriptivos, locaes e telegrammas relativos ao faustuoso acontecimento

Publicação feita no jornal diario d'Angra do Heroismo—A UNIÃO

ANGRA DO HEROISMO
Typ.-Minerva da UNIÃO
1901

Visita de Suas Majestades El-Rei D. Carlos 1.º e Rainha Dona Maria Amelia á Ilha Terceira

1 A 4 DE JULHO DE 1901

Viva El-Rei D. Carlos 1.º !

ESTA saudação de enthusiasmo com que o povo terceirense recebe n'este momento faustuoso o seu monarcha, não pode ser mais franca, mais sincera, nem mais leal.

Sabe El Rei pela historia dos Açores, que nenhuma terra poderá dar mais nem maiores provas de dedicação ao seu Rei, arrostando decididamente contra todos os despotismos de uma usurpação, sem amor por vidas e fazenda, para alto levantar pregão a favor de uma legitimidade representada hoje pela Sua Augusta Pessoa, como a Ilha Terceira.

Para se proceder assim, tão abertamente, é preciso que haja muita sinceridade de crença n'uma familia reinante, e no regimen constitucional que promulgou.

Praticar heroismos de tanta abnegação é tocar os limites da lealdade, é ser-se inexcedivel em amor ao

Rei. Senhor; a Vossa visita á Ilha Terceira, representando um acto de reconhecimento por esta terra que Vosso Augusto Avô o Rei-soldado classificou de—*terra classica da liberdade portugueza, berço illustre da regeneração da mãe patria*, ao mesmo tempo que nos enche de grande alegria, conforta nos na ideia de que não foram esquecidos os sacrificios dos açoreanos, pela Monarchia Constitucional. Não pode a ilha Terceira receber-Vos com as riquezas devidas ao alto poder que Vos reveste, mas as galas que ostenta n'esta occasião, as flores que espalha á Vossa passagem, são o producto do honrado trabalho de seus laboriosos habitantes, são colhidas no canteiro do seu pequeno jardim.

Lançámos mão de tudo quanto temos, fizémos mesmo um exforço, para mostrar-Vos a que ponto é o nosso regosijo pelo facto com que rejubilamos.

Não achará Vossa Majestade o deslumbramento da opulencia, por que essa impressão não lh'a podemos offerecer nem é mesmo a que pretendemos tenha Vossa Magestade d'esta terra. Mas chegará D. Carlos 1.º Rei de Portugal ao conhecimento pessoal, de que nenhum povo dos seus dominios Lhe é mais affeiçoado, nenhum ponto da nação que governa Lhe consagra mais estima, e em nenhuma parte melhor disposição encontra para renovar actos de heroicidade, como os que aqui se praticaram.

Não pensam os terceirenses em outro chefe de nação que não seja o seu Rei. Não ambicionam outro systema que não seja o monarchico.

Aqui, Real Senhor, aqui, a Vossa Pessoa estará sempre defendida pelos nossos peitos. Por isso escusado seria guardar com sentinellas o Vosso palacio, organisar policia para impedir desacato á Vossa Pessoa.

Em cada um de nós tendes um subdito fiel, um vassalo obediente.

Não é só a majestade da Vossa primacial gerarchia, que nos desperta taes sentimentos. Aos açoreanos não é a ideia do poder que os subjuga; mas é por que em Vossa Majestade vê este povo um Monarcha dotado de todos os sublimes predicados precisos, para promover a regeneração do nosso querido Portugal. E' porque em D. Carlos 1.º vê um neto do Rei-liberal a quem tanto amou, e cuja memoria jamais desapparecerá do seu espirito, por que ella é dos açoreanos historia gloriosa.

E' por que Vossa Majestade: monarcha illustrado e de largo golpe de vista, novo e habilissimo politico, é uma esperança realisavel da manutenção da integridade nacional.

E' pela recordação historica que representaes, alliada ás Vossas nobres e distinctas qualidades de Rei e de homem, que o povo terceirense vestido com as suas melhores galas, enthusiasticamente Vos sauda, Senhor.

Alguma vez, Magestade, terá chegado a Vossos ouvidos rumores de descontentamento d'estes povos; mas sabei, oh! rei do nosso querido Portugal, que elles não são pela Vossa Pessoa. Provocou-os actos menos justos d'algum de Vossos ministros.

Quando alguma vez se repitam, o que oxalá não succeda, tomae Senhor, propriamente conhecimento dos motivos de suas queixas, e vereis que são justas suas petições.

Aspirações temol-as como as dos povos que desejam progredir, mas não se pode dizer com razão que quando reclamamos, o fazemos sem motivo ponderoso.

Não se pode ser mais trabalhador nem mais honrado do que o povo açoreano. Não temos causado embaraços á administração dos governos de Vossa Majestade, por que dos tributos que pagamos ainda temos concorrido liberalmente para a mãe patria.

Agora que temos aqui o nosso Rei; que Elle se dignou de pessoalmente, alem de dar-nos a grandiosa honra da Sua visita, vir tomar conhecimento das necessidades d'este povo, é occasião propicia para lembrar que ha um compromisso consignado na historia d'esta terra, e que diz respeito á actual casa reinante,

a El-Rei D. Carlos 1.º, Real Senhor! Vosso Augusto avô de saudosa memoria, por quem a ilha Terceira praticou actos de dedicação até ao heroismo, que se a historia os não registasse pareceriam lendarios, em seu decreto de desesete de maio de 1832, titulo 1.º art.º 1.º, determinou que fosse applicado a portos de abrigo nas ilhas de S. Miguel, Terceira e Fayal, o producto dos bens dos conventos que supprimiu. A duas d'estas ilhas já está essa divida paga.

A ilha Terceira porem, a *sempre constante e leal* cidade d'Angra do Heroismo, tem o seu porto abandonado pelo descredito em que está! As condições perante a excellencia dos portos de S. Miguel e Fayal, não permitte a nossa expansibilidade commercial.

E' a maior aspiração da ilha Terceira, Real Senhor, possuir um porto d'abrigo. Vê Vossa Majestade por seus proprios olhos, que é justa. Vê tambem que a natureza mais prodiga comnosco, delineou esse porto de abrigo, que por isso demandava para ser concluido, despeza insignificante, comparativamente com a já gasta nas outras duas ilhas. Lembra a ilha Terceira, Real Senhor, a palavra de Vosso Augusto avô o Senhor D. Pedro 4.º. E' crença do povo portuguez por ser apanagio dos seus monarchas, que a palavra do Rei não deixa de se cumprir.

Mais de 600 contos de reis produziu então a venda dos bens dos conventos n'esta ilha. Outros se venderam depois, e alguns de que o Estado se aproveitou por utilidade publica, tambem d'elles nos pertence o valor.

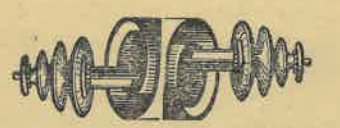
Temos portanto nos cofres da nação, dinheiro mais que sufficiente para a construcção ambicionada do porto d'abrigo em Angra. Essa divida sagrada por saldar, tem-nos posto n'uma excepção odiosa. Recommendae com instancia, Real Senhor, ao vosso governo, a solução breve d'este importante problema, de capital importancia para esta terra. A satisfação d'esta aspiração do povo terceirense, é o justo cumprimento de uma divida sagrada. Que o seu pagamento seja um in-

destructivel padrão da visita de Vossa Magestade á heroica ilha Terceira.

Ao regressardes á Vossa Côrte, levae, Senhor, os sentimentos de affeição d'este povo, que conservará recordação saudosa da Vossa Real Pessoa, e transmittirá com respeito a seus filhos, que a Vossa passagem por esta terra, marcou uma epocha de prosperidade.

VIEIRA MENDES.

(*União*, n.º 2:237—1 de julho.)



Salve! Augusta Rainha!

FELIZES os povos que como nós, possuirem uma Rainha que ponha os seus cuidados em prover-lhes as necessidades, mitigar-lhes os soffrimentos e dulcificar-lhes a existencia.

Felizes os Reis que como a Augusta Rainha Senhora Dona Maria Amelia, conquistam tão naturalmente a affeição e estima do seu povo.

Os terceirenses amavam já a Rainha de Portugal por que a fama de Suas virtudes, espelharam as refulgencias de seu diamantino coração.

Pelo conhecimento de tanta belleza de sentimentos, afigurava-se-nos linda a nossa Rainha.

O seu retrato nos «ateliers» era o de uma encantadora Mulher, mas o nosso espirito enlevado dizia dever ter muito mais encanto a nossa Rainha. E era! Viu-A hontem este povo com anciedade, e saudando A

phreneticamente com vivas, palmas e flores, dizia, marejados os olhos com lagrimas de alegria :—Muito linda é a nossa Rainha !

Augusta e feliz Rainha ! Sois dotada por Deus de todas as virtudes que Elle podia conceder a um só dos entes da sua mais perfeita creação.

A Augusta Esposa de D. Carlos 1.º é enriquecida por Deus com as virtudes da Esposa de D. Diniz. E' uma santa a nossa Rainha. E' tres vezes rica !

E' facto que a historia pela primeira vez registará : —Rica de virtudes, rica de dotes de espirito, rica de belleza !

Prova-o a pobreza enferma e desvalida, que lhe absorve os maiores cuidados da existencia ; os sanatorios e os dispensarios que tem fundado.

Justifica-o o concurso com que tem contribuido para a aurea do throno portuguez.

Affirma-o o deslumbramento que a Sua presença produz, nos que tem o infindo goso de A verem.

Real Senhora; reconhecido Vos está o povo terceirense pela honra da Vossa visita. Não augmentaram os sentimentos de affeição que por Vós tinha, por que mais não pode comportar, pois por completo Vos é dicado; mas confirmára-se nos extremos de amor pela Augusta Pessoa de Vossa Majestade.

Respeitosamente Vos bejam a mão; mão que tanto tem esmolado, tantas lagrimas tem enxugado, e acariciando tem feito desapparecer o desespero dos tegurios, que amiudadas vezes visitaes na capital.

Excelsa Rainha ! Se Vosso Augusto Esposo está n'este momento, na terra dos maiores heroismos e lealdade dos Seus dominios, Vossa Majestade está na terra que cuidadosamente cultiva a preciosa flôr mais do agrado de Vossa Majestade—a Caridade. Não exercerá essa sublime virtude na proporção dos seus desejos, por que limitados são os seus recursos; mas proporcionalmente nenhuma outra se lhe tem avantajado, em prodigalisar beneficios aos desprotegidos da sorte,

por que não tem deixado que reine aqui a miseria, como colonia.

Está pois Vossa Majestade na terra que mais lisongeará os nobres instinctos do Seu coração.

Estão portanto os nossos Monarchas na terra classica de heroismos guerreiros e caridosos.

Ligada Vossa Majestade ao Rei de Portugal pelo estreitissimo laço de Esposa amantissima, está naturalmente ligada aos terceirenses pelos serviços prestados á Sua obra humanitaria, como Elle pelos feitos á ligitimidade da Casa reinante.

Real Senhora ! Espera o povo terceirense que marque uma epoca de progresso para esta terra, a passagem dos seus Reis. De Vosso amado Esposo, nós, filho do povo e por consequencia intimamente ligado com elle, apresentámos-Lhe já respeitosamente, qual a sua mais justificada aspiração—um porto d'abrigo em Angra.

De Vós, Senhora, sollicitamos tambem protecção para que nos Açôres se installe um sanatorio para tuberculosos, obra por que tanto Vos tendes interessado em Portugal.

Temos tambem, infelizmente, açoreanos atacados d'essa terrivel doença, que assentou arraiaes por estas paragens. Os nossos recursos já são mui limitados para as necessidades crescentes que pedem exforço caridoso. A mão poderosa de Vossa Majestade, Sua interferencia na satisfação d'esta grande obra que reclamam os infelizes atacados d'essa doença, que Vos propozesteis exterminar no nosso muito amado Portugal, torna-se necessario para mais breve Vossa Majestade chegar ao conseguimento, do Seu humanitario fim.

Querida e desvelada Rainha ! Com as esperanças com que o povo terceirense fica de ser cumprida por Vosso Soberano Esposo a promessa sagrada de D. Pedro 4º, Seu Augusto avô e nosso muito saudoso monarcha, deixae alimentar tambem a de que a nossa tão querida e amada Rainha D. Maria Amelia, se não esquecerá de um Sanatorio para os tuberculosos dos

Açôres. Diz-se que a ilha doPico possue as condições climatericas indispensaveis.

A iniciativa de Vossa Majestade seria a realisação de ideia tão caridosa.

Se dos soffrimentos da humanidade enferma fallamos nesta occasião em que só hosannas deviamos cantar, é pela certeza de que o coração magnanimo de Vossa Majestade, se compraz mais em fazer calar infortunios do que em ouvir entoar lôas.

Mas é tambem tão curta e Vossa visita, e não achamos outra occasião para vos dirigir supplicas.

Vão-se tão depressa os nossos Reis!

Mas, Senhora! creia Vossa Majestade na sinceridade da profunda sympathia d'este povo pela familia reinante, na lealdade ao Rei, e no amor a Vossa Majestade.

As lagrimas de satisfação que vertemos ao receber Vossas Majestades, transformam-se em pranto pela saudade que nos fica ao partirem.

Viva El-Rei D. Carlos 1.º!

Viva Sua Majestade a Rainha D. Amelia!

Viva a Familia Reinante!

VIEIRA MENDES.

(*União*, n.º 2:238—2 de julho.)

Os nossos Reis *

I

PARTIRAM os nossos Monarchas, deixando a mais viva saudade n'este povo, que Lhes deu os mais francos testemunhos de affeição.

D. Carlos primeiro e a Rainha Senhora D. Maria Amelia, insinuam-se por tal forma no animo do seu povo, que este espontaneamente irrompe em acclamações de enthusiasmo.

A curta estada de Suas Majestades nesta terra, passou-se no meio de uma só ovação, que começou mal foram vistos do caes, até ao embarque hontem.

Ninguem n'esta cidade pensou durante estes dias, senão em procurar ver o maior numero de vezes possivel os Monarchas, dar-Lhes palmas, vivas, e cobril-Os de flores.

Como estava annunciado, a esquadra portugueza acompanhada de dois navios de guerra inglezes, que a a tem seguido em homenagem aos Reis de Portugal, tocou no porto da Praia da Victoria onde Suas Majestades receberam a bordo os cumprimentos da Camara e auctoridades locaes, vindo depois para Angra, desembarcando os Monarchas pelas 5 e meia da tarde do faustuoso dia primeiro de julho de 1901.

Calcula-se em 18 a 20 mil, o numero de pessoas que enchia as muralhas que circundam a bahia, desde o porto de Pipas até ao Portinho Novo, as immediações do pateo da alfandega, os pontos emfim donde se podia presencear o movimento; e até as pedras do

* *União*, de 5 de julho de 1901, n.º 2:239 e seguintes.

mar encostadas á muralha do matadouro, como a maré fosse vasia, tambem estavam cobertas de gente !

Ao aproximar se o escaler, ricamente adornado, com os monarchas, irromperam os vivas calorosos e as palmas vibrantes de delirio.

No caes aguardavam Suas Majestades a Camara Municipal, governador civil, que a bordo do cruzador «D. Carlos» tinha vindo desde a ilha Graciosa (e desembarcára primeiro, o prelado diocesano, cabido e todo o pessoal da cathedral, seminario, clero da cidade e grande parte do das freguezias do campo, general commandante militar e officialidade de infanteria 25, Junta Geral, juiz e delegado, administrador do concelho, titulares, funcionalismo, Imprensa e todas as pessoas de distincção desta cidade.

Sua Majestade a Rainha foi recebida por um distincto grupo de illustres damas.

No pavilhão preparado no caes e onde entraram Suas Majestades, houve a cerimonia da entrega das chaves da cidade a El-Rei, dirigindo-Lhe o sr. presidente da camara uma allocução.

Após essa cerimonia, a estremecida filhinha do sr. governador civil entregou a Sua Majestade a Rainha, em nome das creanças do Asylo d'Infancia Desvalida, um lindo «bouquet».

Recebidas as Magestades debaixo do paleo, seguiu o cortejo por entre estrondosos vivas e palmas, pelas ruas Direita e Sé.

De todas as janellas pendiam ricas colchas, e sobre os Soberanos cahia chuva de flores, accenando as damas com seus lenços, saudando com palmas e vivas a que a Rainha Senhora D. Maria Amelia correspondia com encantadores gestos de agradecimento, dizendo adeus para toda a parte, e El-Rei cumprimentando.

O cortejo era luzido, e ia imponente por debaixo dos muitos arcos que foram feitos em toda a extensão das ruas do percurso.

As janellas estavam apinhadas de damas e era delirante o enthusiasmo.

Do caes pela rua Direita estava postada toda a força do regimento de infanteria 25. Alem da banda regimental, tocavam o hymno da carta em pontos differentes do trajecto, as philarmonicas *Flamenguense*, *União Velense*, *Recreio dos Artistas* e a da freguezia dos Altares, misturando os sons com os do troar dos canhões do castello e dos navios da esquadra, e o estalar das numerosas girandolas de foguetes, dando a impressão do extraordinario acontecimento que se celebrava.

Na cathedral tomaram Suas Majestades logar sob um docel convenientemente preparado, cantando se o Te-Deum a instrumental, retirando depois os Monarchas no meio do immenso povo que soltava vivas, para o palacio, acto este que se realisou de carro.

A' noite toda Angra se illuminou, sendo surprehendente o effeito que produziu o ver-se todas as casas com lampiões de gostos varios e disposições diversas. Quasi que bem se dispensava a illuminação official, da qual sobresahiu as do palacio real, da camara e da alfandega, e a da Praça da Restauração.

Produzia tambem um lindo effeito a illuminação da fachada da Caixa Economica, e a da casa do sr. conselheiro Merens de Tavora.

Em todas as noutes houve illuminação geral da cidade, tocando as philarmonicas em differentes pontos, fazendo se ouvir tambem de dia percorrendo as ruas.

Na noute de quarta-feira veio tocar a um dos coretos da Praça da Restauração, a charanga de bordo do cruzador D. Carlos.

As proximidades do palacio real estiveram sempre tomadas de povo, que aclamava os regios visitantes quando appareciam ás janellas, e algumas vezes a ellas vieram pelos instantes pedidos que o povo fazia, retribuindo sempre Suas Majestades com afabilidade as manifestações.

O palacio do governo civil onde se hospedaram os Monarchas com a sua comitiva, estava ricamente decorado sendo a mobilia dos principaes aposentos toda antiga, e algumas peças de grande valor.

O edificio que é muito grande, accommodou muito á vontade toda a commitiva e pessoal de serviço, estando preparado para receber 60 pessoas.

As installações eram superiores, e os aposentos de Suas Majestades, e as salas, não podiam estar mais mimosamente ornamentados, não se notando a mais insignificante falta de bom gosto e de commodidade.

II

No segundo dia, visitaram Suas Majestades de manhã, os Paços do Concelho, o hospital, asilos de Mendicidade e Infancia Desvalida, Seminario e Castello.

Durante todo o trajecto eram os carros, que seguiam de vagar, acompanhados de muito povo em constantes vivas, que tambem se soltavam das janellas donde as senhoras batiam palmas e lançavam flores.

S. S. Majestades chegaram ao hospital de Santo Espirito com a sua comitiva pelas 11 horas, sendo esperados pela Mesa administrativa, medicos e Capellão, entrando no atrio onde se achava postada a harmonica «Recreio dos Artistas» que rompeu o hymno da Carta, acompanhado de repiques na torre da egreja do hospital e de palmas e vivas, dadas pela immensa multidão de povo que Os esperava.

Entraram na portaria e subiram a escada que é magestosa pela sua largura e altura, perguntando Sua Magestade a Rainha se aquelle edificio tinha sido construido para o hospital, sendo informada que fôra um convento adaptado depois para aquelle fim.

Dirigiram-se á tribuna da egreja para fazerem oração, e analysando a pintura dos grandes retabulos e tecto, S. Majestade a Rainha ficou tão impressionada, que recommendou ao sr. provedor a sua boa conservação e que nunca consentisse se pintassem por estarem algum tanto deteriorados, pois que quem o fizesse, seria o auctor d'um vandalismo.

Passando ás enfermarias, a Rainha manifestou ao sr. Provedor o desejo de ali ter os respectivos medicos, ao que o sr. Guilherme Junior satisfez, apresentando-Lhe os srs. drs. Alfredo Sampaio e Manoel Victorino.

A Rainha principiou de informar-se da doença de cada enfermo, e assim se passou a visita a todas as enfermarias.

A visita foi rapida, por Suas Majestades terem pressa em fazerem outras.

Suas Majestades seguiram para uma sala devidamente ornada, onde o sr. Provedor leu a seguinte allocução :

SENHOR

A Mesa administrativa deste pio estabelecimento, a que tenho a honra de pertencer, não póde deixar esta occasião de tanta solemnidade e regosijo sem demonstrar, ainda que em phraze pobre e despretenciosa o quanto lhe é agradavel a Regia visita de seus Augustos Monarchas a estas plagas Açorianas,

O quanto este povo Vos ama, Augusto Senhor, dil o bem alto a historia da nossa querida patria.

E' ella que Vos diz que aqui...neste pequeno rochedo lançado no meio do occeano se derramou sangue pela causa santa da liberdade; é ella que canta o heroismo deste povo, que, como valentes soldados, souberam dar a vida pela patria e pelo Rei;...e esses valentes soldados, não só amavam a liberdade até darem a vida, mas souberam tambem lançar no coração de seus filhos essa preciosa semente. Sim, Real Senhor, ainda tambem nós sentimos girar nas veias o sangue de nossos avós...e como elles amamos a patria e o nosso Rei, até ao secrificio, se preciso for.

SENHOR—E' grande, é immensa a alegria que nos vae n'alma ao recebermos tão subida prova de consideração, com a visita de Vossas Majestades a este estabelecimento de caridade, e muito desejariamos

poder apresentar a Vossas Majestades um hospital belo e com todas as condicções que a sciencia exige, mas ainda que sejam esses os nossos desejos, não o podemos fazer, por que o não permittem as nossas forças pecuniarias, e se alguma coisa temos feito devemol-o em grandissima parte, aos sentimentos caritativos e philantropicos que exornam o coração magnanimo de Vossa Majestade. Sim ! Real Senhor, Sois Vós... que nos tendes auxiliado muito e muito, concedendo a esta casa, um subsidio annual pela indemnisação do desconto no juro das suas inscripções, e se não fora tão generosa protecção que lhe tendes concedido, difficil e astrophiada seria a sua existencia.

Reconhecidos pois, por tão grandes beneficios, deixae Senhores, que eu, em nome da Mesa desta santa casa, em nome dos pobres invalidos que no ultimo quartel da vida, e quando já não tem os afagos da familia, aqui vem abrigar se, em nome dos pobres enfermos, que aqui se revolvem no leito da dor, com o mais profundo respeito deposite em Vossas mãos um osculo que signifique o nosso profundo reconhecimento e a nossa eterna gratidão para com as Augustas pessoas de Vossas Majestades.

—

Terminou o provedor sr. Guilherme Junior levantando a Suas Majestades e á familia Real, vivas que foram enthusiasticamente correspondidos por toda a assemblea.

O sr. Provedor apresentou a Suas Majestades um livro forrado a pellucia azul, onde inscreveram os Seus nomes e data, seguindo se o sr. presidente de ministros e mais pessoas presentes. A Rainha informou-se do sr. Provedor da media dos doentes e rendimento do hospital, admirando-se como se podia manter com o rendimento tão insignificante de 10 contos de reis, reconhecendo que era com muita economia, acrescentando o sr. provedor que havia falta de muitos acessorios, de cousas essenciaes, como casa de operações, e que tambem por isso não podia apresentar o edificio

devidamente asseado, ao que a Rainha respondeu reconhecer ser um edificio antigo, mas decente, com o que se achava muito satisfeita.

S. S. Majestades seguiram a pé para o asylo de Mendicidade, até onde foram acompanhados pelo provedor, Mesarios do hospital e muito povo, que aclamaram freneticamente Suas Magestades.

A' entrada do asylo S. S. Majestades despediram-se muito affectuosamente da Mesa administrativa e foram recebidos pela do asylo de Mendicidade e pelas ex.mas Damas protectoras desta casa de caridade.

Os nossos Soberanos informaram-se minuciosamente das condicções do estabelecimento, louvaram a sua tão economica administração, admirando tambem como com tão escassos rendimentos se podia fazer face ás despezas do seu costeio.

O edificio pelo acceio mereceu Lhes os maiores elogios.

Os pobres asilados, loucos de contente agruparam-se junto de Sua Majestade a Rainha beijando Lhe a mão, recebendo palavras de conforto.

Informou-se a Rainha do presidente sr. Manoel Alves Bettencourt, do serviço que prestavam as irmãs de S. José, recebendo em resposta que ellas tinham sido a felicidade daquella casa.

A' chegada de Suas Majestades o sr. Alves dirigiu-Lhes a seguinte allocução:

REAES MAJESTADES

Deus Salve os excelsos monarchas portuguezes que se dignaram honrar hoje com a Sua presença o modesto Asylo de Mendicidade terceirense.

E' pobre e acanhado o estabelecimento, mas é grande, sublime a sua missão de caridade. Que a Vossa real benevolencia haja por bem desculpar as muitas faltas que, bem a nosso pezar, ainda por aqui se encontram, e que os pobres velhos albergados neste asylo possam recordar-se da honrosa visita dos nossos excelsos Soberanos.

Dignae-Vos, pois, tomal-os sob a Vossa real proecção e Deus Vos compensará por certo, continuando empre venturoso o Vosso reinado para honra e gloria la nação portugueza, como todos havemos mister.

Deus Salve os excelsos Monarchas Portuguezes.

Viva S. M. El-Rei !

Viva S. M. a Rainha !

Viva a Familia Real Portugueza !

—

Seguiram depois os Soberanos de Portugal para o Asylo d'Infancia Desvalida entrando Suas Majestades primeiramente na egreja, que estava lindamente adornada, fazendo oração na capella môr e no altar de Nossa Senhora do Livramento.

A concorrencia de pessoas ao Asylo, com o fim de verem as Majestades e assistirem á abertura da exposição, era immensa. O salão do Asylo estava deslumbrante, dando o principal realce áquella ornamentação o grande numero de variados trabalhos executados pelas creanças, e que iam constituir a 3.ª exposição deste genero, que se faz n'aquella casa, dentro do periodo de dois annos, o que lhe tem grangeado centos de mil reis.

No fim do salão via-se um elegante docel de seda azul celeste, para Suas Majestades.

Ao entrarem os Soberanos, cantaram as asyladas um lindo hymno consagrado a Suas Majestades, sendo acompanhado a pianno por uma extremecida filha do illustre cavalheiro exm.º Manoel de Sousa Machado da Cunha.

Uma creança asylada em nome de todas as suas companheiras, recitou uma linda e sentimental saudação a Suas Majestades, agradecendo tão honrosa e distincta visita, concluindo por levantar enthusiasticos vivas a Suas Majestades e a toda a familia Real. Penhorou muito a bondosa Soberana a offerta que as creanças Lhe fizeram para seus Augustos filhos, e que consiste em duas lindas toalhas com mimosos bordados a pontos abertos, tudo executado pelas creanças.

As ex.mas sr.as do conselho protector offereceram tambem á excelsa Soberana um trabalho de alto merecimento, que Sua Majestade muito agradeceu, dirigindo palavras de muita amabilidade a tão distinctas e illustres senhoras. Não puderam as Majestades demorar-se quanto desejavam, por causa dos muitos pontos do programma das festas para este dia. Deram vista a alguns trabalhos da exposição e visitaram uma grande parte do edificio.

A bondosa Rainha falou por alguns minutos com o dedicado mordomo da casa sr. conego Ferreira, procurando informar-se do estado da casa, seu desenvolvimento e prosperidade, rendendo muitos elogios ás Irmãs de S. José de Cluny que a dirigem. Disse por fim a excelsa Soberana ao sr. conego Ferreira—que pedisse em Seu nome desculpa ás ex.mas senhoras do conselho e mesarios, de não se poderem demorar mais tempo, como Lhes seria tão agradavel.

Deixaram os Soberanos aquella casa por entre novas aclamações da multidão que ali se aglomerava.

E não podiam as Majestades deixar de levar as mais gratas impressões do nosso Asylo d'Infancia, porque realmente é uma maravilha o que ali se observa.

Em livro convenientemente preparado, ficaram as assignaturas de Suas Majestades, dos Ministros e das pessoas da côrte.

Junto do Asylo tocou durante a visita a phylarmonica «Recreio dos Artistas».

Como Suas Majestades mostrassem desejos de abreviar a Sua visita, por causa d'outros trabalhos que As aguardavam n'aquelle dia,—o illustre mordomo da casa teve de supprimir a allocução que tencionava proferir, afim de dar a uma creança asylada a satisfação de recitar uma pequena saudação que tinha decorado, e que foi ouvida pelas Majestades e sua commitiva, com demonstrações de muito agrado, porque a creança recitou-a perfeitamente.

A allocução do mordomo sr. conego Ferreira era concebida nos seguintes termos :

SENHOR !

Ha occasiões tão solemnes na vida, em que o mudo silencio excede os mais eloquentes discursos. Silencioso devia eu permanecer na Augusta presença de Vossas Majestades ; mas cabendo-me a honra de presidir á Mesa administrativa deste Estabelecimento de Caridade, por mais profundo que seja o acatamento que tributo aos nossos excelsos Monarchas, não posso reprimir a ancia que me domina—de expandir a gratidão immensa que eu e todos os meus collegas sentimos pela alta honra d'esta visita, só propria dos extremos de bondade que enaltecem os regios corações de Vossas Majestades. E parece-me que nunca podem ser inopportunas as expressões que o reconhecimento inspira.

E de reconhecimento profundo é unicamente a minha palavra, muito embora não me seja dado poder exprimir o que sinto. Ja disse o Principe dos nossos poetas que: em contar extremos, trabalhos e tempo perdidos são.

SENHOR—Quarenta e oito annos de existencia conta já este Asylo, fundado por um illustre Magistrado o conselheiro Nicolau Anastacio de Bettencourt, que o installou em 16 de abril de 1853. E Quando contava apenas 5 annos de existencia teve esta casa a gloria de receber a honrosissima visita do Augusto e saudosissimo Pae de Vossa Majestade, qnando era ainda serenissimo Infante.

Essa data festival do primeiro de novembro de 1858 em que esta casa recebeu o senhor D. Luiz Primeiro de saudosa memoria, essa data fica para sempre entrelaçada com a data d'hoje, em que temos a ventura de receber o Augusto herdeiro de suas virtudes e do seu sceptro, que Elle sustentou com tanta firmeza e honra.

E se era já motivo de gratidão immensa a visita de Sua Majestade El Rei, não é possivel exprimir o reconhecimento de nossos corações quando vemos a seu

lado a excelsa Soberana de Portugal a Quem o alto prestigio da realeza, que a tantos tem fascinado, a Ella tem unicamente servido para dar mais amplitude á grande munificencia da sua ardente caridade.

SENHOR—Todo o nosso empenho e zelo converge para melhorar este asylo afim de que as creancinhas desvalidas que aqui se abrigam sob as beneficas azas do formoso anjo da caridade, possam tornar-se uteis para si e para a sociedade.

E é immensa a consolação que sentimos em declarar com toda a verdade perante Vossas Majestades que muito temos conseguido com a efficaz e zeloza direcção e proficiente ensino das illustres e virtuosas Irmãs de S. José de Cluny. Educar para a virtude, para a sociedade e para o trabalho, é todo o ideal da sua missão.—A cidade d'Angra honorificada com tantos titulos que os augustos predecessores de Vossa Majestade lhe teem outhorgado, possue um que lhe conferiu o immortal Infante D. Henrique, quando chamou a esta terra—«Ilha Terceira de Nosso Senhor Jesus Christo». E' um titulo de maior gloria que nunca hade esquecer. Angra tem sido sempre filha mimosa, nobre, leal, constante na fidelidade aos seus augustos Monarchas e por isso vem aqui offerecer a Vossas Reaes Majestades o «bouquet» que seus magnanimos corações mais apreciam . . .

Esse «bouquet» compõe-se das mimosas flores da caridade com que Angra fundou, conserva e sustenta ha 48 annos, esta santa instituição que é incontestavelmente um padrão de gloria a attestar a bondade e generosidade de tantos corações que amam extremecidamente estas creancinhas, muitas das quaes não conhecem o amor duma mãe !

Bemdita mil vezes a Divina Religião de Nosso Senhor Jesus Christo que nos manda amar a todos, e em especial as creanças pobres e desvalidas ! Bemdita mil vezes essa Divina Religião que dá forças a uma Rainha excelsa para deixar o seu throno, e o que é mais, deixar por alguns dias dois anjos de innocencia e can-

dura, para vir ao meio destes mares consolar seus subditos e acariciar estas pobres creancinhas ! Bem hajam os nossos Augustos Monarchas ! Bem haja a Augusta Soberana em cujo diadema brilham como perolas de vivissimo fulgor, as lagrimas dos pobresinhos que a sua ardente caridade não cessa de enchugar . . . A Vossas Mojestades Fidelissimas os preitos da nossa eterna gratidão, e a mais respeitosa supplica para que os nossos Augustos Soberanos acolham esta casa sob a Sua regia protecção.

O pequenino discurso recitado pela asylada Maria do Amparo foi o seguinte :

REAL SENHOR !

REAL SENHORA !

«As criancinhas desvalidas do Asylo de Nossa Senhora do Livramento, não sabem exprimir a sua alegria e grande contentamento por terem a felicidade de lhes ser concedida a graça de beijarem reverentes as Regias mãos de Vossas Majestades Fidelissimas !

Meu Deus ! Meu Deus ! Como são bons e cheios de carinhos Suas Majestades os Reis de Portugal !...

Chegam á nossa bella e linda cidade d'Angra, e no meio de tantas festas com que são acolhidos por toda esta formosa ilha, que está louca de contentamento, Suas Majestades não esquecem o pobre Asylo de creancinhas tão pobres, que só teem a riqueza da sua fé em Deus Nosso Senhor e o amor reverente aos seus Augustos Monarchas.

Como o Bom Jesus, nosso Deus e Salvador, acariciava as creanciahas, dignam-se Vossas Majestades vir tambem honrar e engrandecer a nossa pequenez e desvalimenio chamando-nos para junto de Suas Augustas Pessoas, o que nos parece ainda um sonho.

Já no regaço d'uma santa Rainha se converteram as esmolas em flores, e nós vemos hoje aqui no coração da nossa excelsa Soberana, que é tambem uma Rainha santa, convertidos em flores todos os carinhos

maternaes que Sua Majestade se digna dispensar ás creancinhas pobres.

«A essas flores mimosas da Sua alma angelica, corresspondemos com o nosso amor puro e innocente de creancinhas...E desfolhamos a seus pés as flores da nossa maior veneração, do nosso profundo acatamento, do nosso acrysolado affecto de humildes servas de tão augusta soberana !

E nestas florinhas Real Senhor e Real Senhora, vae symbolisado o amor, respeito e gratidão eterna que consagram a Vossas Majestades todos os Seus leaes subditos desta formosa ilha.

A flor deste amor não emmurchecerá jámais, porque a alimentará sempre a impressão que nos fica para toda a vida da bondade e carinho dos nossos Augustos Soberanos.

NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO Guarde e defenda Vossas Augustas Majestades para gloria da Nação portugueza.

Viva Sua Majestade El-Rei o Senhor D. Carlos Primeiro.

Viva Sua Majestade a Rainha.

Viva toda a Augusta Familia Real.»

—

Estava ainda preparada outra saudação recitada por uma das asyladas pequeninas, Julia. E que pena não teve a criança de a não recitar ! Mas a brevidade que se pedia não o permittiu. Era a seguinte :

Real Senhor !
Real Senhora !

«Uma creança como eu tão pequenina e tão pobre não sabe nem póde fallar diante de Vossas Majestades. Mas quero só dizer que as pequeninas tambem teem coração para consagrarem a Vossas Majestades o reconhecimento mais puro e indelevel por uma visita tão honrosa ao nosso querido Asylo. Sou pequenina ; mas bem pequena é a borboleta e ella tambem louva a seu

modo o Divino Creador. E ainda que pequenina, como tantas das minhas companheiras, devo dizer com grande consolação, a Vossas Majestades, que trabalhamos durante muitos mezes com a maior alegria das nossas almas para apresentarmos neste dia grande e verdadeiramente festival, esta pequena exposição de trabalhos todos feitos por nós, sob a direcção das nossas queridas e amadas directoras. Dignem-se Vossas Majestades olhar com benevolencia para os trabalhos de estas pobres asyladas, que tudo quanto sabem o devem á caridade, esse anjo de formosura e bondade, que parece estar personalisado na Rainha tão amada dos portuguezes.

Alli estão os nossos trabalhos, executados de proposito para festejar a visita dos nossos amados soberanos, porque nos diziam nossas mestras que nada poderiamos apresentar que mais agradasse a Suas Majestades, do que uma prova do nosso amor ao trabalho. A nossa maior dita será que Vossas Majestades levem as mais gratas impressões do nosso Asylo e que Se Dignem tomal-o debaixo da Sua Regia Protecção. Por esta visita tão honrosa, como nunca tivémos nem tornaremos a ter, a nossa gratidão será eterna, as nossas innocentes orações acompanharão sempre Vossas Reaes Majestades.»

III

As visitas de Suas Magestades aos estabalecimentos publicos começou pela Camara onde aguardavam os augustos Soberanos a vereação municipal, que saudou os regios visitantes, e o povo calorosamente secundou com vivas e palmas.

Era rica a ornamentação do palacio do povo, e todas as alfaias pertencem ao municipio.

O salão nobre, vasto e elegante, surprehendeu Suas Majestades, pela sumptuosidade que não esperavam certamente encontrar.

O presidente da Camara sr. dr. José Pimentel Homem de Noronha, leu a seguinte allocução:

SENHORES

Permittam Vossas Magestades, na occasião em que se dignam entrar n'esta casa, que eu em nome da camara municipal e de todos os seus municipes, agradeça com o mais profundo acatamento as elevadas distincções que Vossas Magestades se tem dignado conceder a esta cidade d'Angra do Heroismo.

N'este mesmo logar, Senhores, se inaugurou no primeiro dia de janeiro de 1831, a primeira camara municipal eleita em todo o paiz, consoante os preceitos da carta constitucional da Monarchia. Foi dia de festa esse, em que se julgou ganha difinitivamente a causa constitucional, posta n'esse momento sob a protecção do municipio, que tem sido em Portugsl o paladio das liberdades patrias, o laço d'amor entre o Rei e o Povo.

Vossas Magestades, honrando com a sua visita estes Paços do concelho, dignam-se dar a esta cidade uma prova de consideração, que mais estreita aquelle laço, mais obriga a nossa lealdade e accresce em honra aos muitos titulos de nobreza com que a munificencia Regia tem distinguido esta ilha

Para que fique perduravel memoria de facto tão honroso para esta camara municipal e para os povos que ella directamente representa, em nome d'ella imploro de Vossas Magestades a Graça de assignarem auto d'esta Sua generosa visita, que fique sendo não sómente padrão de tão memoravel successo, mas tambem novo protesto de lealdade e respeito para com os Augustos Reis de Portugal, da Muito Nobre, Leal e Sempre Constante cidade d'Angra do Heroismo.

Lavrou-se auto do faustoso facto, assignando-o Suas Majestade.

E' do theor seguinte:

Auto da honrosa visita de Suas Magestades El-Rei o Senhor D. Carlos 1.º e a Senhora Dona Maria Amelia

No dia dois de julho do anno de mil novecentos e um, n'esta muito nobre, leal e sempre constante cidade d'Angra do Heroismo, achando-se reunidos nos paços do concelho os excellentissimos presidente e vereadores da camara municipal, para o fim de receberem a honrosa visita que Suas Magestades El-Rei D. Carlos 1.º e a Rainha Senhora D. Maria Amelia, se dignaram fazer o este paço municipal, se dirigiu a mesma camara ao atrio e entrada do edificio onde teve a honra de receber a Suas Magestades, que se encaminharam ao salão nobre, acompanhados das pessoas do seu sequito, onde o excellentissimo presidente da camara, obtida venia, dirigiu a Suas Magestades uma alocução de agradecimento pelas elevadas distincções que Suas Magestades, se teem dignado conceder a esta cidade, pedindo aos mesmos Augustos Senhores a Graça de assignarem termo d'esta sua visita, que fique sendo não sómente padrão de tão memoravel successo, mas tambem novo protesto d'amor e de lealdade, para com os Augustos soberanos do paiz, da parte d'esta municipalidade e dos povos que ella representa.

Suas Magestades dignaram-se acceder com a maior benignidade a assignar este auto que eu José Sebastião de Castro do Canto secretario da Camara fiz escrever e subscrevi.

El-Rei D. Carlos—D. Maria Amelia Rainha—D. Maria Francisca de Menezes—Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro—Antonio Teixeira de Sousa—Conde de Tarouca—Conde da Ribeira Grande—Guilherme Brito Capello—Conde de Arnoso—Fernando Eduardo de Serpa—Francisco Augusto d'Oliveira Feijão—Emygdio Lino da Silva Junior.

Camara:—José Pimentel Homem de Noronha—Guilherme Martins Pinto Junior—Francisco José da Costa Vidal—Frederico Augusto de Vasconcellos Junior—João Nogueira de Freitas—Candido de Menezes P.checo de Mello Forjaz e Lacerda—Pedro Alvares da Camara Paim de Bruges—Sebastião Cardoso Pamplona Corte-Real—José Sebastião de Castro do Canto.

Depois da Visita á Camara seguiu-se a do Seminario, indo Suas Magestades pela Rua de D. Maria Amelia, chegando ali pouco depois das 10 horas.

Apesar de se haver annunciado com muita antecipação que suas Magestades visitariam os edificios publicos da cidade, no Seminario só na vespera e já noite a dentro, é que se soube ao certo que aquelle estabelecimento participaria de tão subida honra.

Um pouco antes da hora marcada, para ali se dirigiu s. ex.ª rev.ma o sr. bispo.

Os seminaristas formavam no adro até ao portico que ainda ha pouco dava entrada para o lyceu, duas longas alas, por entre as quaes entrou o carro que conduzia os Augustos visitantes, que se apearam junto ao portico onde os aguardava o prelado á frente de todo o corpo docente e dirigente do Seminario.

Apenas entrou no adro o trem real, de mistura com o estrondear dos foguete e festivaes repiques na torre da egreja, romperam d'entre o seminaristas as mais calorosas aclamações que se repetia entre a multidão, composta do povo que immediatamente invadiu aquelle logar.

Logo que S. S. Magestades desceram do trem, apressaram-se a apresentar-Lhes o seus cumprimentos s. ex.ª rev.ma o sr. bispo e os superiores do Seminario, e pelo mais joven dos seminaristas foi, em nome de todos os alumnos, offerecido a Sua Magestade a Rainha um lindo «bouquet» de flores colhidas no jardim do seminario, do qual pendiam duas fitas de seda, azul e branca, com a legenda em letras d'ouro—«A Sua Ma-

gestade a Rainha Senhora D. Maria Amelia,—os seminaristas d'Angra.

Tocavam as philarmonicas *Recreio dos Artistas* e *Flamenguense*.

A primeira parte do edificio em que entraram S. S. Magestades e a sua comitiva foi a sala do museu, que percorreram com demonstrações de agrado, admirando alguns dos exemplares e particularmente a bella collecção de moluscos.

D'ali subiram á sala de visitas, entraram na bibliotheca, gabinete de leitura, na grande sala de estudo da perfeitura de S. Francisco Xavier, onde Sua Majestade a Rainha se demorou algum tempo abrindo e folheando alguns livros d'estudo dos seminaristas. Entraram em um dos dormitorios do corredor principal e d'ali pela escada do lado do norte desceram ao claustro e jardim, passando por fim á egreja onde fizeram oração deante do altar do Santissimo Sacramento na copella-mór. Era um encanto a Rainho em oração, toda a gente que a via admirava o respeito e devoção d'Ella n'aquelle acto.

Já na Sé cathedral edificou pela piedade de que deu provas d'encanto a sua assistencia ao Te-Deum.

Emquanto durou a visita ao seminario, S. S. Magestades dirigiram por differentes vezes a palavra ao ex.mo prelado e ro vice-reitor que de perto as acompanhavam, ora interrogando, ora mostrando agrado e satisfação pelo que viam. A brevidade do tempo não permittiu que os Augustos visitantes vissem as restantes partes do edificio, onde certamente experimentariam igual satisfação, pois em todo o edificio havia que admirar o acceio e boa ordem, prova bem clara do quanto se tabalha naquella casa para a dotar das condições que estabelecimentos daquelle genero reclamam.

Desde o principio até ao fim da visita quasi não tiveram interrupção as aclamações enthusiasticas dos seminaristas e do povo a S. S. Majestades, a quem não passaram desapercebidas e antes pelo contrario muito agradavelmente impressionaram, como mais de

uma vez declararam depois ao ex.mo prelado, aquellas demonstrações d'affecto destes seus subditos que jamais olvidarão o prazer e honra que lhe trouxe a visita de tão egregios personagens.

Depois de visitarem Suas Majestades o seminario, é que foram ao hospital e asylos, do que já no capitulo antecedente démos noticia.

A's 2 horas da tarde houve a recepção official no Paço, a qual foi concorridissima, durando uma hora o beija-mão, a que foram admittidas primeiro as senhoras e em seguida a Camara Municipal, que pelo seu presidente dirigiu uma allocução a Suas Majestades nos seguintes termos :

SENHORES

Ante o throno de Vossas Majestades, dominada pelo mais vivo reconhecimento, possuida do maior respeito, vem a camara municipal da muito Nobre, Leal e Sempre constante cidade d'Angra do Heroismo, em nome dos povos que representa depôr os protestos da sua gratidão pela elevada distincção que Vossas Majestades se dignaram conceder a esta cidade e ilha com a Sua honrosa visita.

Esta gratidão, Senhores é acompanhada dos sentimentos de maior veneração, pelas excelsas Pessoas de Vossas Majestades e de profundo affecto á Augusta Dynastia Constitucional que Vossas Magestades representam, entre a qual e esta terra heroica tem sempre existido vinculo d'amor, que este fausto successo veio tornar perseverante e indissoluvel.

E se estes sentimentos, Senhor, não tivessem a confirmal-os a eloquencia de heroicos feitos, clara e luminosomente consignados na historia, esculpidos nos brasões de nobreza civica desta terra, bastaria para assegurar delles a Vossas Majestades o alegre alvoroço, os enthusiasticos applausos, as aclamações reiteradas com que a alma popular recebeu hontem a Vossas Majestades nesta ilha ; manifestação, cuja espontaneidade está fulgurantemente a demonstrar o amor,

a submissão que este pobre, mas honrado e lealissimo povo consagra a Vossas Majestades.

Esta camara municipal, os habitantes d'esta terra, todos fazemos votos para que a Divina Providencia cubra de bençãos a Vossas Majestades, encha de prosperidades o seu reinado, prolongue Suas vidas preciosas e perpetue a Sua Dynastia para felicidade d'estes povos, para honra, lustre e gloria da Nação Portugueza.

El-Rei recebendo da mão do sr. presidente do conselho a resposta, dignou-se lel-a, fazendo nella as mais agradaveis referencias á cidade d'Angra e ao povo terceirense.

A's 5 horas da tarde, foi a inauguração na Praça da Restauração do monumento que se pretende erigir a El-Rei, commemorando a sua visita a esta ilha.

O povo apinhava-se no vasto espaço e recebeu Suas Majestades com ovações.

Tomando os Soberanos logar no pavilhão com o Seu sequito, procedeu-se á cerimonia da benção da pedra, acto a que procedeu o prelado diocesano com a assistencia do clero, corpo seminaristico e todas as pessoas de distincção.

Eram repetidos os vivas e palmas, que o povo com extraordinario enthusiasmo soltava.

Lido pelo sr. presidente da camara o auto, foi elle encerrado em um cofre onde foram lançadas moedas, e esse cofre mettido na pedra fundamental do monumento. Descendo Suas Majestades, El-Rei com uma colher de pedreiro botou cimento na tampa da abertura da pedra, e a Rainha com um martello bateu-a.

Eis o texto do auto:

No anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1901, aos 2 dias do mez de julho n'esta cidade de Angra do Heroismo, ilha Terceira, e na praça da Restauração, procedeu Sua Majestade El-Rei de Portugal D. Carlos 1.º, com a assistencia de Sua Majestade a Rainha D. Amelia, á collocação da primeira pedra do monumento commemorativo da visita de S. S. Magestades a esta ilha, pedra que primeiramente tinha sido benzida por sua excellencia reverendissima o senhor D. Francisco José bispo d'esta diocese d'Angra.

E para que de futuro se conheça este facto tão memoravel em que os filhos e habitantes do districto d'Angra pretendem perpetuar tão fausto acontecimento, se lavrou o presente auto, do qual se extrahiram duas copias authenticas, uma para ser depositada e guardada no archivo Nacional da Torre do Tombo e outra no archivo da Camara Municipal desta cidade.

(Seguem-se as assignaturas)

Terminada a cerimonia no meio do estrondear de foguetes, de palmas e vivas, Suas Majestades seguiram a visitar o castello de S. João Baptista d'Angra.

Eram esperados na praça d'armas pela guarnição e familias d'officiaes.

Dirigindo-se á sala nobre do palacio, o sr. governador apresentou a Suas Majestades os officiaes e suas familias, havendo os cumprimentos do estylo.

Em seguida Suas Majestades entraram na egreja, que está profanada, visitaram casernas e cosinha do regimento e dirigiram se ás baterias onde se demoraram algum tempo, gosando a bella vista que d'ali se observa, não só da cidade como da maior parte das freguezias d'oeste.

Sua Majestade El Rei tirou algumas photographias, mostrando estar satisfeito, retirando depois das 7 horas.

Foi enorme a concorrencia de povo a fortaleza, tornando se por algumas vezes mesmo difficil o transito.

Houve numerosas e enthusiasticas acclamações a Suas Majestades e a toda a familia real portugueza.

A Suas Majestades foi mandado mostrar, quando estavam no mirante da bandeira, do rancho dos soldados que provaram e acharam muito bom, inda-

gando a Rainha se era sempre n'aquellas condições, o que parecia visto o bom aspecto dos soldados.

Perguntou tambem se não lhes davam peixe, e assim identicas indagações que mostraram que Sua Majestade conhece e se interessa pelas cousas que parecem ser-Lhe indifferentes.

Nesta mesma tarde o photographo sr. Carlos Franco foi admittido á presença de S. Magestade El-Rei, de Quem obteve a graça d'acceitar um trabalho photographico, que consistia em uma grande vista panoramica da encosta e littoral do sul da ilha Terceira, desde a ponta de S. Matheus até á da Salga, incluindo ao centro a cidade d'Angra do Heroismo.

Esta photographia mede, fóra as margens, 2 metros e 12 centimetros de comprimento por 40 cent. de largo.

A moldura dourada de lindos lavores, tem de largura 14 centimetros.

S. Majestade recebeu amavelmente aquelle distincto photographo e estimavel cavalheiro, agradecendo a offerta que ainda não vira, mas de que se achava informado.

Foi por indicação do sr. presidente do conselho, que o offerente se apresentou pessoalmente a S. Majestade El-Rei.

IV

Foi tambem no dia 2, ás 8 horas da noite, que teve logar o jantar official no Paço. Foi de 65 talheres e a elle assistiu o elemento official que é da praxe ser convidado para taes actos, tendo tambem assistido como representantes da familia do 1.º conde da Praia da Victoria a quem a actual casa reinante mais serviços de lealdade até ao sacrificio deve: os srs. Theotonio Simão Paim d'Ornellas Bruges e capitão Theotonio Octavio d'Ornellas Bruges, que tambem fôra convidado como commandante da guarda de honra que n'esse dia estava ao Paço.

Assistiram tambem os srs. dr. Rodrigo Zagallo Nogueira e José Luiz de Sequeira.

Na sala tocou um sexteto, e no jardim do Paço a banda regimental.

Não sendo usual, representando portanto uma grande distincção, Sua Majestade El-Rei saudou na pessoa do sr. presidente da camara a leal cidade de Angra, fazendo-o em termos os mais honrosos para esta ilha, respondendo o sr. dr. Noronha agredecendo a prova de consideração que acabava de dar Sua Majestade ao povo terceirense.

O representante do «Diario de Noticias» de Lisboa que acompanhou a comitiva regia, deu áquelle jornal noticia telegraphica do brinde d'El Rei no jantar de gala, nos seguintes termos:

«El-rei fez um grande e caloroso brinde, recordando os serviços qua a ilha Terceira prestou á causa da liberdade; invocou a memoria do rei soldado, D. Pedro IV, que residiu no mesmo palacio, onde está o sr. D. Carlos; o de sua augusta avó, D. Maria II, cuja regencia, em seu nome, teve as suas sessões no mesmo palacio, e que offereceu ao municipio o seu retrato, o primeiro que houve daquella soberana, e que por ella foi mandado de Londres, para ser offerecido á municipalidade de Angra, effectuando-se a entrega com toda a solemnidade, no dia do anniversario natalicio de D. Pedro IV, em 1829, sendo portador de tão honrosa dadiva o conde de Villa Flor.

El-rei terminou o brinde demonstrando o seu agradecimento ao povo da ilha Terceira pelas suas calorosas manifestações, que o teem commovido e á rainha.

Respondeu a sua Majestade o presidente da camara municipal, agradecendo as elogiosas palavras do chefe do Estado ao povo terceirense, e affirmando o sincero affecto de todos os habitantes da valorosa ilha Terceira á familia real.

Todas as pessoas que acompanhavam Suas Majestades, declararam nunca terem ouvido fallar El Rei com tanto enthusiasmo».

Aquelle jornal justifica o enthusiasmo do brinde de El-Rei, com o conhecimento profundo que Sua Majestade tem dos feitos historicos de inegualavel heroismo desta terra ; e o da recepção vibrante que aos Soberanos foi aqui feita, pelas tradições e educação deste povo.

O «menu» do jantar foi o seguinte :

Creme de voloille á la Reine—Poisson bouilli, sauce Anglaise—Filet de boeuf à la bargeule—Escalopes de dindon aux truffes—Foie-gras en belle-vue—Punch glacé à l Imperiale—Bécasses rôties aux crôutes—Salade panachée.—Asperges à l'Hollaodaise—Pouding de Saxon—Coupe à la chantilly—Glace.

Nesta mesma noute, e a hora adeantada, passeou Sua Majestade El-Rei a pé pela cidade, acompanhado do seu secretario particular sr. conde d'Arnoso e do sr. governador civil, gostando immenso da nossa cidade.

Comquante em todas as noutes da estada dos Soberanos portuguezes n'esta, ilha houvesse illuminações publicas e geralmente de particulares, na noute do dia 2 é que os navios da esquadra portugueza e os cruzadores inglezes illuminaram, produzindo de terra surprehendente vista, fazendo nos outros dias projecções electricas para a cidade.

No dia 3, Suas Majestades com grande comitiva que tomou quasi todos os carros da cidade, foram em digressão pelas freguezias d'oeste até S. Bartholomeu, sendo em todo o trajecto muito victoriados pelas populações que juncaram de verdura os caminhos e revestiram as paredes de colchas, deitando flores, batendo palmas, dando vivas.

Gostaram muito Suas Majestades do lindo arrabalde de S. Carlos, que effectivamente pelas excellentes casas de campo que possue e sua continuidade, impressiona agradavelmente os que nos visitam.

Suas Majestades regressaram á cidade pelo Caminho de Baixo, por onde tambem é agradabilissimo o passeio.

Em S. Bartholomeu e S. Matheus onde pararam, o povo assaltou o carro para beijar a mão a Suas Majestades, principalmente á Rainha que distribuia sorrisos e carinhos que a todos prendia de encanto.

De tarde houve a tourada á corda no logar de S. João de Deus, divertimento peculiar desta ilha.

A tribuna preparada para Suas Majestades e sequito assistirem ao divertimento, era magestosa e rica. A ornamentação não podia ser mais cuidada nem mais aprimorada.

Milhares de pessoas pelo caminho, pelos balcões, pelas bancadas e até por camarotes construidos especialmente para este dia, á passagem e chegada de Suas Majestades soltavam os mais calorosos vivas, acompanhados de estridentes palmas.

Em todo o percurso tiveram sempre a mesma intensidade as ovações, por que era a mesma a impressão de alegria e enthusiasmo de que se achava possuido o povo.

Os touros do ganadero sr. José Francisco Aurora, escolhidos caprichosamente como era de esperar, eram uns bonitos bichos e bravos.

Suas Majestades riam de boa vontade ao vêr as brincadeiras que os mais ousados tinham com os animaes.

Deram-se nas proximidades da tribuna real onde se demoravam os touros, todas as peripecias de taes divertimentos e que os tornam de uma especial atracção.

Um marinheiro da armada ingleza, que nunca tivera certamente tal distracção, perseguido por um dos touros em carreira vertiginosa, quasi prestes a ser apanhado, foi tomado pela mão ferrea de um outro marinheiro portuguez, que o puxou ao lado furtando o á vista do animal que seguiu na carreira.

Avalie-se o alivio que experimentou! Teve tambem muita graça a maneira grave, á ingleza, porque agradeceu com uma rapida inclinação de cabeça e a phrase consagrada «I thank you!»

Tomaram parte importante no divertimento marinheiros da armada portugueza, brincando com os bichos e quasi sós, honra que naturalmente e como a hospedes lhes concedeu a nossa gente. Apanharam os seus trambulhões, que com mais um pouco de pratica no genèro de divertimento, evitariam. Será para outra vez !

Suas Majestades ora n'uma ora n'outra janella, seguiam com curiosidade e interesse todo o movimento, applaudindo, rindo-se, mostrando por varios modos o prazer que lhes causava esse divertimento, novo para Suas Majestades.

Mostrou egualmente gosar boa sensação da tourada, toda a comitiva real. Até o sr. Hintze Ribeiro riu de vontade !

Sua Majestade El-Rei tão agradavelmente ficou impressionado deste genero de divertimento, que pretende ensaial o com gado de Suas manadas, em Villa Viçosa.

Depois de corrido o 4.º touro, o sr. governador civil para que Suas Majestades se não enfastiassem do divertimento, communicou que era costume correr-se só 4 touros, mas que havia ainda mais dois, caso fosse do agrado de Suas Majestades. El-Rei quiz que se corresse esses dois, mostrando assim o prazer que Lhe causava a diversão.

Terminada a corrida retiraram Suas Majestades e seu sequito, entrando na Memoria de D. Pedro 4.º donde admiraram a excellente vista de toda a cidade que d'ali se gosa.

Tanto na Memoria como na tourada, tirou El-Rei muitos «clichés».

Depois da visita ao monumento de D. Pedro 4.º Suas Majestades dignaram-se visitar a nova casa da escola industrial e officinas annexas, a pedido do sr. governador civil que muito desejava satisfazer á vontade da ex.ma sr.a D. Catharina Pamplona Corte Real Teixeira, do sr. presidente da Junta geral e do director da escola.

Aguardavam no edificio a vinda de Suas Majestades e de Sua illustre comitiva, a benemerita doadora D. Catharina P. Corte Real Teixeira, o director e sua esposa, e artistas, e fóra : alumnos do seminario, muitas senhoras, cavalheiros e o povo. Depois das apresentações feitas pelo sr. governador civil, o director da escola conduzio os Regios Visitantes e sua comitiva á sala onde se acham collocados os retratos da doadora e de seu extremecido esposo fallecido, que em vida mostrou claramente grande desejo de que aquelles utensilios servissem para a instrucção dos artistas d'Angra. Neste momento teve a illustre doadora occasião de manifestar a Suas Majestades o seu contentamento por tão honrosa visita áquella casa e material d'officios que em beneficio da classe operaria e em satisfação á vontade de seu fallecido marido se havia apressado em confiar e ceder á Junta Geral do districto, e que agora se dignassem Suas Majestades acceitar em homenagem ás Suas Reaes Pessoas, e em recordação da sua tão honrosa visita a esta cidade. Em resposta dirigiu Sua Majestade a Rainha palavras de agradecimento, de condolencia e conforto áquella senhora.

A nossa Rainha fez á ex.ma sr.a D. Catharina especial agradecimento pela offerta que esta senhora Lhe mandára fazer nesse mesmo dia. Era um lindo barco baleeiro construido de papel pelo patrão-mór do porto d'Angra, e de que aquella senhora tivéra conhecimento pela descripção feita delle no diario «A União» que alvitrou a ideia de ser comprado para um bonito presente á Rainha de Portugal Senhora D. Maria Amelia a Quem devia ser muito agradavel a offerta, não só porque Sua Majestade tem predileção pelos passeios em barco no Tejo, mas ainda por ser uma allusão ao acto admiravel de coragem e philantropia praticado pela Rainha não ha muito em Cascaes, deitando-se á agua para salvar a vida a um dos tripulantes do barco que A conduzia.

O barco monta 4 remos e tem 5,m 5o de compri-

mento, 1,m 40 de bocca e 0,m 54 de pontal, com o nome de D. Amelia, que em lettras d'ouro está desenhado á popa. Nada falta para que seja uma embarcação do mais requintado bom gosto e luxuosa ornamentação. Assegura o constructor que pode fazer serviço e estar na agua successivamente 5 mezes que não se ressentirá na sua resistencia.

Continuou o director a mostrar as ferramentas e material de trabalhos de : relojoeiro, ourives, serralheiro, ferreiro, fundidor, latoeiro, marceneiro, carpinteiro, tanoeiro, correeiro e o pequeno laboratorio de chimica.

O material achava-se disposto artisticamente em collecções nas differentes salas, ligeiramente ornamentadas de modo a apreciar-se a sua variedade, aplicação e importancia, o que não passou desapercebido a Suas Majestades e illustre comitiva que o tiveram por valioso e muito util áquelle estabelecimento.

Durante esta visita, Suas Majestades dirigiram algumas palavras de animação aos artistas presentes, e ao director da escola, manifestando desejos de que se engrandecesse aquelle estabelecimento de instrucção artistica.

No decurso da visita Sua Majestade D Maria Amelia dignou-se tambem informar-se da frequencia e aproveitamento dos alumnos da escola, do pessoal que ministrava aquella instrucção, e do que havia sido projectado para o futuro anno lectivo, ao que o director sr. Cyriaco Tavares Silva satisfez, agradecendo ao mesmo tempo a Suas Majestades a honra que se dignaram conceder áquelle estabelecimento, fazendo votos pela preciosa existencia de Suas Majestades.

Ao sairem Suas Majestades, levantaram os artistas, das janellas, vivas que foram secundados por toda a multidão.

V

Fallando no capitulo precedente da tourada em S. João de Deus, notámos com prazer a expontaneidade do nosso povo, deixando que brincassem com os bichos

os seus hospedes, como os marinheiros da armada. Frizemos tambem uma outra circumstancia que dá o caracteristico de um certo grau de educação do nosso povo.

E' cousa peculiar, indispensavel mesmo, ir-se de varapau para as touradas á corda, ostentando do povo: os velhos uns paus menos cuidados e os rapazes bordões bem emponteirados e lusidios. Pois na tourada real em S. João de Deus, o nosso povo desarmou-se por completo em respeito aos nossos monarchas! Os guarda-soes eram o unico adorno das mãos dos milhares de homens que ali estavam! Impressionou-nos isso tambem, como o facto de não se ter visto um ebrio, de não se ter notado uma rixa, o que succedeu em todo o conjuncto das festas, pois não se effectuou uma prisão nem necessidade houve de fazer uma simples detenção!

—

Nas manifestações do segundo dia da estada de Suas Majestades entre nós, na altura competente deixámos de fazer referencia a uma das que muito calaram no animo dos Monarchas Portuguezes. Foi a que de tarde Lhes fizeram os estudantes de ambos os sexos : do lyceu, escola districtal e escolas primarias d' esta cidade.

Reuniram-se no pateo do palacete do sr. Barão do Ramalho, e antes de Suas Majestades assistirem á inauguração do Monumento, aquelles centenares de esperançosos estudantes, que representam a sociedade de amanhã, cheios do enthusiasmo proprio da sua idade, da affeição aos seus monarchas com que teem sido educados, de um santo amor pela patria que n'elles tem as suas esperanças como a tem no futuro, pelas tradições de lealdade de seus antepassados, com a lembrança dos feitos heroicos praticados por seus avós, foram deante do Palacio Real aclamar os Reis de Portugal.

Os vivas eram phreneticos, as palmas estridentes, tocando o delirio quando Suas Majestades apparece-

ram a uma das varandas, agradecendo sensibilisados manifestação tanto do seu agrado, pelo que tinha de expontanea e franca, como pela ideia que significavam, de dedicação á Patria e ao Rei.

Uma deputação de estudantes de ambos os sexos subiu á presença dos Soberanos, levando uma menina, filha do sr. José da Rosa Silveira, de Santo Amaro da ilha do Pico, que é alumna de uma das nossas escolas, um lindo *bouquet* de flores que offereceu á Rainha, lendo o estudande do lyceu sr. Henrique Braz a seguinte mensagem:

SENHOR!

Temos assistido com o mais sincero prazer a esse enthusiasmo verdadeiramente patriotico com que a nossa terra, poqueno penhasco elevado sobre o oceano, mas santo asylo da liberdade opprimida, pretendeu receber os seus Augustos Soberanos.

Apenas se confirmou a noticia da visita de Vossas Majestades ao Archipelago Açoreano, todos os corações dos terceirenses exultaram d'alegria e procuraram, unidos no mesmo pensamento, prestar a sua modesta mas cordeal e sincera homenagem ao Vulto que representa a integridade da Patria, as suas nobres e inegualaveis tradicções, o seu progresso e engrandecimento—e ao Anjo da Caridade que, dotada de geniaes qualidades para collaborar na mesma grandiosa obra, proteje a infelicidade, leva lenitivo á dôr, procurando assim salvar os seus dilectos filhos que tanto A estremecem e adoram.

Nascidos n'este pequeno baluarte que defrontou digna e briosamente o sobrecenho do despotismo, as terriveis e angustiosas inclemencias do desterro e da prepotencia para se conservar sempre fiel á causa liberal, não podiamos ficar silenciosos, nem deixar de vir com o mais profundo respeito, a mais subida consideração, o mais sincero e cordeal affecto, prestar a nossa pequena e singela homenagem ante o throno de Vossas Majestades.

Por isso vimos nós em nome da academia angrense e escola primaria, levantar com o mais santo fervor um viva de reconhecimento pela passagem de Vossas Majestades por esta ilha, pedindo á Providencia que ella nos fique eternamente gravada na memoria e abra novos horisontes de progressivo desenvolvimento n'este archipelago.

Vimos pois em nome da academia que representa os homens d'amanhã n'esta terra, demonstrar mui respeitosamente a Vossas Majestades que estamos hoje e estaremos sempre promptos a imitar o exemplo dos nossos antepassados, desde que perigue a integridade da patria e a preciosa vida dos seus Augustos Soberanos.

—

A sahida de Suas Majestades para a inauguração do monumento na Praça da Restauração, era aguardada pelos estudantes que ladearam o trem, acompanhando-o até á Praça da Restauração no meio de phreneticas e enthusiasticas acclamações.

Acompanhou sempre os estudantes nas suas manifestsções a philarmonica «Flamenguense».

—

No dia 4 teve logar a revista pecuaria no Paul.

Previa-se que seria este o numero mais importante e agradavel das festas que dedicámos aos Reis de Portugal.

Excedeu porem o que se imaginava. Foi bella, surprehendente, a festa do Paul.

De ha muito que trens, carrinhos e carroças, de todos os pontos da ilha, se achavam alugados e por bom preço. Houve necessidade de se lançar mão de carros de bois que foram alugados do campo em numero superior a 400 carros. Alem d'estes, ainda correram mais de 500 que conduziram gente das freguezias de toda a ilha!

Tudo isso despejou gente no Paul, não fallando em cavalleiros nem em peões.

A concorrencia foi extraordinaria.

Seguramente umas 24 mil pessoas se juntaram n' aquelle valle, offerecendo pelas variegadas côres dos vestuarios de homens e mulheres uma encantadora vista, um panorama delicioso.

Seria meio dia quando Suas Majestades e seu sequito, seguidos de numerosos trens, chegaram ao Paul, atravessando a multidão no meio de aclamações estrondosas que eccoavam pela extensa planicie, que parecia, repetindo as ovações, tambem saudar o Rei lavrador!

Suas Majestades apesar do chovisco que cahiu, chegaram de carro aberto o que maior delirio causou ao povo, por ver que para se não furtarem á sua vista, os Soberanos preferiram assim expôr-se ao tempo!

Suas Majestades subiram para o pavilhão real, que era de um lindo effeito, execução bem comprehendida de um plano do eminente artista portuguez Bordallo Pinheiro.

Eram tres os pavilhões.

As cupulas, formando 3 corpos, eram revestidas a palha de centeio, com suas respectivas espigas. Circundava-os uma baixa rocha artificial, de cujas pequenas cavidades sahiam bonitas plantas de adorno, pés de milho e outras de producção agricola.

O primeiro pavilhão era a casa onde se servio o almoço, e contiguo a esse com passagem interior, era o destinado a Suas Majestades e comitiva. No 3.º tomaram logar titulares, imprensa e mais convidados.

O fundo do 2.º pavilhão dava entrada para um gabinete destinado a descanço dos Manarchas.

Era de um primor de ornamentação, caracteristica da terra e do local.

Eram colchas de lindo gosto, fabricadas na ilha, que o forravam bem como ao tecto do pavilhão, em que a do centro tinha a corôa portugueza tecida tambem na terra.

Duas cadeiras feitas de vimes, encimadas com a corôa portugueza tambem do mesmo fabrico, e com

cochim de seda azul e branca, destinaram-se aos logares de Suas Majestades.

Seria longo e quasi se nos torna impossivel descrever a originalidade e encanto da ornamentação, principalmente do pavilhão e gabinete destinado a Suas Majestades. Bastará dizer que era impossivel revestil-os de mais atractivos. Tanto assim foi, e tanto agrado produziu, que das colchas, umas elogiadas por Sua Majestade a Rainha foram-lhes offerecidas, bem como a El-Rei as cadeiras; alguns dignitarios de sua comitiva tambem desejaram outras que lhes foram tambem offerecidas, apesar de pedirem que fossem mandadas fazer por sua encommenda, d'aquelles padrões.

VI

Antes da chegada de Suas Majestades ao Paul, cahiram chuveiros fazendo recear que não se effetuasse a Revista por falta da comparencia de Suas Majestades, em vista de o tempo afigurar que não melhoraria.

Os milhares de assistentes lamentavam que assim succedesse, e por isso foi indiscriptivel a alegria á chegada dos nossos Reis ao Paul.

Alagada a relva, toda a gente tomou logar na estrada, occupando uma extensão aproximadamente de 2 kilometros. Se as pastagens não estivessem alagadas aquelles milhares de pessoas distribuidas pela planicie, daria um panorama surprehendente.

Foi no entanto tambem de arrebatador effeito ver aquella grossa columna de povo, que ao cahir dos chuveiros armava os guarda chuvas, que formavam um tecto perfeito, parecendo obedecer a um plano combinado para produzir aquelle resultado.

Comquanto ainda depois de Suas Majestades se acharem no Paul, cahisse alguma chuva, apóz a Sua chegada o tempo melhorou, dando logar a que se procedesse regularmente á Revista, fazendo-se o desfile de gado em frente da tribuna Real pela ordem seguinte:

1.ª parte: Passagem de vaccas leiteiras.—Grupo

de novilhas de 2 a 3 annos.—Gado de trabalho.—Passagem das vaccas com os bezerros.

2.ª parte: Desfile de carros—Fabrico de manteiga—Exame d'alfaya agricola—Exposição de gado bravo.

Os creadores que concorreram á exposição apresentaram o seu gado com divisas especiaes: fita na haste de um dos animaes da manada. Foram os srs.: Manoel Carvallo Soares & Irmãos—Francisco de Paula Barcellos Machado Bettencourt—José Francisco Aurora—João Luiz Toste Parreira—Pedro Parreira de Lima e João Machado d'Avila—Felix Machado Barcellos—Jacintho de Sousa—José Pacheco Ormonde—Francisco de Paula Rego—Pedro Menezes Parreira & Irmão—José Luiz de Sequeira.

Depois da passagem das vaccas com os bezerros, vieram para ser mugidas deante da tribuna Real, uma vacca de cada creador: as que tinham a divisa. Da que pertencia ao promotor d'esta festa em honra das Majestades, tirou-se primeiramente leite em um jarro de prata, d'onde se botou em copos, que em uma bandeja tambem de prata, se foi offerecer a Suas Majestades, bebendo El-Rei e os da Sua comitiva, provando só Sua Majestade a Rainha, receando poder fazer-Lhe mal.

Os nossos Monarchas prestaram sempre muita attenção a todas as circumstancias da Revista, admirando alguns exemplares especiaes das manadas, vendo-se perfeitamente que estavam muito agradados da festa.

O desfile dos carros de bois produziu tambem grande sensação nos Regios visitantes.

Mais de 200 carros com ornamentações varias ao estylo da terra, embandeirados, puxados pelas melhores juntas de bois, passaram em frente do pavilhão Real, soltando os passageiros os seus lenços saudando os monarchas, que correspondiam cumprimentando captivantemente, no meio dos vivas e palmas do povo.

Finda a primeira parte do programma da festa, serviu-se o almoço.

A meza estava primorosamente disposta, e o serviço foi todo á terceirense. Serviram guapas raparigas.

Eis o MENU:—Canja—Vinho «Madeira»—Pasteis de lapas—Vinho «Graciosa» (velho)—Codernizes com cabeças de nabo—Vinho «Candelaria» (tinto velho) Alcatra—Pudin de batata—Vinho «Bordéos»—Fiambre—Vinho «Castelletes» (velho)—Peru assado—Feijão verde e agrião—Leitão recheado—Acelga e alface—Vinho champanhe—Doces, pastelaria e frutas diversas. Vinhos do Porto e Madeira—Café, cognac e licores.

Suas Majestades visitaram depois do almoço a installação do fabrico de manteiga, onde se demoraram, indo em seguida para uma pequena tribuna junto a um pasto fechado, para ver o gado bravo que ali se achava, custando a trazel-o proximo do local onde estavam os Soberanos, só vindo parte d'elle.

O gado bravo era em numero de 118 cabeças, e o mais gado que entrou na Revista foi em numero de 560, alem do que estava tomado aos carros que ascendia a 1800 cabeças.

Durante a Revista, Suas Majestades por vezes felicitaram o promotor d'aquella explendida festa sr. José Luiz de Sequeira, de quem era a propriedade em que se realisou, bem como ao sr. governador civil.

Declarou El-Rei que não podiam preparar-Lhe festa que mais agradavelmente o impressionasse como aquella.

Prometteu Sua Majestade enviar das Suas manadas ao sr. Sequeira, um casal da melhor raça de rezes que lá tivesse, honra que o sr. Sequeira agradeceu confundido. El Rei tambem disse que o mesmo cavalheiro havia de acceitar a medalha de merito agricola com que o queria condecorar. O sr. Sequeira mostrando a Sua Majestade o quanto se achava penhorado por tantas honras com que já o tinha distinguido dispensando-lhe afabilidades de que se não considerava merecedor, declarou que para mostrar o seu reconhecimento faria o que Sua Majestade mandasse.

A condecoração a que pertence o titulo de com-

mendador, foi creada por El-Rei D. Carlos, para distinguir meritos agricolas que Sua Majestade muito aprecia, e confere-a muito especialmente.

Foi mostrado a Suas Majestades no Paul, um lindo cão exemplar da raça de fila, especial d'esta ilha, pertencente ao sr. Cyriaco Tavares Silva.

Muito gostaram Suas Majestades do animal, e manifestando a Rainha vontade em possuil-o, pedio o sr. Sequeira licença para o offertar, o que Sua Majestade estimou dizendo que o queria levar comsigo, e assim foi o feliz cão para bordo do cruzador «D. Carlos», mandando gratificar a Rainha o portador que o levou a bordo, um creado do sr. Cyriaco, com dez mil reis fortes.

Ficou o sr. Sequeira de mandar depois uma femea, da mesma raça.

Terminada a festa do Paul, da qual declararam Suas Majestades levavam as mais agradaveis recordações, retiraram-se os Soberanos para a cidade, seguindo o Seu carro numerosos trens, sempre no meio de enthusiasticos vivas e palmas, que quasi ininterrompidamente soaram toda a tarde a Seus ouvidos.

—

No Paul foi armada uma grande barraca de campanha onde se estabeleceu um «boufet» explendido e gratuito, onde se serviu a mais de 500 pessoas.

A officialidade dos navios de guerra portuguezes e estrangeiros, bem como todos os nossos hospedes e mais pessoas que ali foram, depois de se terem utilisado á vontade de tudo que desejavam, ao pedir conta ficavam surprehendidos respondendo-se-lhes que ali se não pagava cousa alguma.

Apesar de tanta gente se ter utilisado do «boufet», tão bem sortido elle estava, que ainda ficou o sufficiente para mais umas 200 pessoas.

VII

No regresso do Paul vieram Suas Majestades pela

freguezia da Ribeirinha, graça que aquelle povo solliciton com grande empenho e que os Monarchas na Sua bondade concederam, retribuindo tão carinhosamente a prova de muita affeição ás Suas reaes Pessoas, que a sollicitação representava.

Os caminhos estavam juncados de verdura e flores, e a densa população d'aquella freguezia á passagem dos seus Reis, dava-Lhes enthusiasticos vivas e palmas. Um delirio de prazer.

A philarmonica da freguezia tocava o hymno nacional. Uma importante parte do povo seguiu o trem real até uma grande distancia, sempre em enthusiasticas acclamações.

As janellas estavam ornadas com colxas de varias côres e tecidos, dando o tom de uma grande festa no povoado.

Uma velhinha que alegre e contente, attenta olhava a Rainha, exclamou n'um arrebatamento de prazer: —A Rainha é um botão de rosa! Singela é a phrase mas bastante expressiva.

Chegados os Regios Visitantes á cidade, occupado o tempo indispensavel na mudança de «toilette», dirigiram-se de carruagem para o caes da alfandega, onde teve logar o embarque pelas 6 horas e meia.

Na rua Direita estava postada a guarda d'honra, e no Largo 3 de Março aguardavam Suas Majestades: a camara municipal, auctoridades, funccionarios, clero, todo o corpo seminaristico e muito povo, que acclamavam os seus Reis.

Suas Majestades despediram-se com affabilidade dos que se Lhes acercavam, e El-Rei dirigindo-se ao sr. presidente da camara, disse-lhe: que ia penhorado pela recepção que nesta cidade Lhe tinham feito e á Rainha, o que mais uma vez agradecia á camara, representante deste lealissimo povo.

Levantou o sr. presidente da Camara vivas a Suas Majestades que foram calorosamente correspondidos. Eram ruidosas as acclamações, mas notava-se a commovencia que a saudade da partida deixava. Prin-

cipalmente a nossa Rainha ia bastante sensibilisada, demonstrando assim que Lhe será de boa recordação, a curta estada de Suas Majestades nesta ilha.

A bordo teve logar o jantar dedicado a El-Rei pelo commandante do crusador «D. Carlos,» sr. Moraes e Sousa, estando entre os convidados, officialidade da marinha de guerra, o illustre governador civil deste districto sr. Emygdio Lino da Silva Jr. e exm.ª esposa. El-Rei dirigiu um brinde muito honroso para esta terra ao sr. governador civil, agradecendo-lhe como chefe do districto, a cordealidade e enthusiastica sympathia com que o povo terceirense tinha recebido os seus monarchas. Sua Majestade a Rainha mui particularmente significou á ex.ma esposa do sr. governador civil sr.ª D. Brites Cunha e Silva, a maneira por que se achava captivada por este povo, e pela forma incançavel por que a illustre dama tinha proporcionado todas as commodidades e embellezamentos nos regios aposentos.

O sr. governador civil e ex.ma esposa que acompanharam Suas Majestades á ilha de S. Miguel, eceberam tambem ali de Suas Majestades por vezes, provas do quanto iam satisfeitos e agradavelmente impressionados. Assim se desprehende dos honrosos seguintes telegrammas que El Rei expediu á Sua chegada a S. Miguel e Lisboa, ao sr. presidente da Camara d'Angra :

Ponta Delgada, 5 de julho.—Urgente.—Presidente da Camara Municipal d'Angra do Heroismo.—Ao chegarmos aqui depois de uma excellente viagem quero mais uma vez, em meu nome e da Rainha, agradecer a esse bom e leal povo a captivante recepção que nos fizeram e assegurar-lhe que ella ficará como uma das mais gratas recordações da nossa vida.—El-Rei.

Tal e tão justificado regosijo produziu o texto do telegramma de El-Rei ao povo terceirense, que um sem numero de copias d'elle, impressas, existem em quadros. Toda a gente quiz guardar as impressões dos Reis de

Portugal, manifestas n'esse documento que fica sendo mais uma prova do reconhecimento que os Monarchas portuguezes deram da affeição que Lhes consagra o povo terceirense. Não menor é a que nos foi dada com o seguinte telegramma, expedido logo que Suas Majestades chegaram a Lisboa :

Lisboa, 14 julho—5 horas e 20 minutos da tarde.
Presidente da Camara Municipal—Angra.

—A esse bom e leal povo quero, no momento de chegar, significar ainda uma vez em meu nome e no da Rainha todo o meu reconhecimento pela affectuosa recepção que ahi tivémos e assegurar-lhe os votos que fazemos pela sua ventura e prosperidades.=EL-REI.

No mesmo sentido, ao sr. governador civil expediu o sr. presidente no mesmo dia ás 5 h. 25 m. o seguinte:

—Suas Majestades acabam de chegar a Lisboa de perfeita saude e com feliz viagem, trazendo d'esse districto as mais gratas recordações pelo affectuoso e enthusiastico acolhimento que ahi tiveram e que jamais esquecerão. No seu regresso a esta capital foram Suas Majestades recebidas com as mais captivantes demonstrações de festiva e respeitosa homenagem.

Hintze Ribeiro.

Essas provas nos fazem ter por bem empregados quasquer sacrificios que hajam sido feitos para condignamente receber os nossos Soberanos. Mostrámos Lhes que immutavel é a lealdade e amor dos terceirenses.

Com a satisfação de que se acha possuida toda a ilha Terceira, pela sympathia que teve a felicidade de inspirar aos seus Monarchas, fica tambem a esta terra a esperança de que tão honrosa visita marcará um novo periodo de prosperidade publica.

Ao terminar a noticia descriptiva das festas que

a ilha Terceira fez aos Reis de Portugal, cumpre-nos francamente declarar que ao fazel-a, tão tivémos em vista apresental-a com a minuciosidade que os leitores da «União» e o publico desejaria.

Diligenciámos archivar o mais detalhadamente que nos foi possivel os principaes factos, desataviadamente e sem exageros. Exposição simples e verdadeira, é o merecimento da noticia descriptiva que offerecemos aos leitores.

Vieira Mendes.

NOTAS

A allocução do sr. presidente da Camara d'Angra por occasião da cerimonia da entrega dos chaves da cidade, é do theor seguinte.

SENHOR

Nas Mãos de Vossa Majestade tem esta camara municipal a honra de depositar as chaves da Muito Nobre, Leal e Sempre Constante cidade d'Angra do Heroismo.

E' este preito de homenagem, Senhor, signal de respeito e de submissão, devido aos Senhores Reis de Portugal, de longa data usado n'este paiz e que esta camara municipal se honra de ser-lhe dado prestar n'este tão solemne momento.

Estas chaves, Meu Senhor, as mesmas são que outr'ora aprouve a Sua Majestade o Senhor D. Pedro 4.º receber, na occasião em que chamou a esta terra o egregio baluarte da Liberdade e fidelidade portugueza, quando se dignou vir juntar-se aos bravos que a haviam intrepidamente defendido durante 4 annos, e que depois Elle proprio conduziu á inteira conquista da liberdade e do sólo sagrado da Patria.

Cumprindo este dever, a camara Municipal vem

á porta da sua cidade receber a Vossas Majestades, e agradecer, em nome d'estes povos, possuidos da maior gratidão, a honroso visita que Vossas Majestades se dignam fazer-lhes.

Pela camara Municipal e pelos habitantes d'este concelho tenho a honra de beijar as mãos de Vossas Majestades, e pedimos todos a Deus conceda a Vossa Majestades dilatada e prospera vida, para felicidade da Nação Portugueza.

—

A Associação Commercial fez uma mui sympathica commemoração da chegada de Suas Majestades a esta ilha.

Em cada uma das cinco freguezias da cidade fez distribuição a 100 pobres de esmolas de 625 reis, ou sejam 500 pobres contemplados, e que foram distribuidas na casa da mesma Associação.

A' Cosinha Economica deu 60$000 reis, para durante os 3 dias da visita regia, distribuir 100 jantares melhorados e com vinho.

Aos Asilos de Infancia Desvalida e de Mendicidade 50$000 reis a cada, e 20$000 reis ao Orphanato para os jantares melhorados durante os mesmos 3 dias.

A cada uma das recolhidas da Associação Educadora e Recolhimento Jesus Maria José, 625 reis.

Aos 100 doentes e invalidos do Hospital de Santo Espirito 625 reis a cada. A mesma quantia a cada preso da cadeia.

—

Ao desembarque de SS. Majestades assistiram em uma tribuna no caes, as creanças do Asylo d'Infancia Desvalida com suas directoras. Soltavam vivas de contentamento e enthusiasmo, despertando muita sympathia esssa manifestação.

—

Em signal de regosijo por se ver que os nossas tão expontaneas e francas manifestações foram tanto do agrado de Suas Majestades, apóz a publicação dos te-

legrammas de El-Rei, a camara hasteou o seu estandarte, e á noute houve manifestações de regosijo publico, percorrendo o povo em marcha «aux flambeaux» com musica, as ruas da cidade em enthusiasticas manifestações, levantando vivas a El-Rei, á Rainha e á familia Real.

Das manifestações do primeiro dia, deu o sr. governador civil communicação telegraphica para Ponta Delgada ao sr. presidente do conselho, que respondeu nos seguintes termos:

«Suas Majestades agradecem a penhorante manifestação dos povos de Angra do Heroismo que tão gratas impressões lhes deixaram.»

Hintze Ribeiro.

Em resposta a um telegramma do sr. presidente da camara desta cidade para Ponta Delgada, perguntando como tinham passado S. S. Majestades de viagem, respondeu o sr. conselheiro Hintze Ribeiro com o seguinte telegramma:

«Suas Majestades a quem communiquei o conteudo do telegramma de v. ex.ª, incumbe-me de agradecer a v. ex.ª e de informar que se encontram bem e com indelevel saudade dessa bella ilha donde trouxeram tão gratas impressões.

Hintze Ribeiro.»

—

O sr. governador civil recebeu tambem de Ponta-Delgada este telegramma:

«Calorosa enthusiastica recepção Majestades grandiosa concorrencia, exposição admiravel districto Angra instalação separada collocação artistica productos. Rainha elogiou tecidos, bordados, trabalhos vimes, presidente commissão felicitou representante Junta boa comprehensão bom exito districto. Emygdio, Sotto Maior, Alcampos solicitaram Majestade Rainha graça offerta alguns productos nome Junta.

Governador Civil.

Em resposta a este telegramma do sr. governador civil de Ponta-Delgada, enviou o sr. governador civil d'Angra o telegramma seguinte:

Congratulo-me V. Ex.ª excellente recepção Suas Majestades n'essa ilha, e agradeço penhorado sua communicação.

—

Para a exposição em Ponta-delgada, entre os productos da ilha Terceira que ali concorreram, existia um filtro d'agua, representando em alto-relevo nas faces as 4 estações do anno.

Era primoroso trabalho do habilissimo artista sr. Sá e Silva sendo expositor o abastado negociante sr. Antonio Pedro Simões.

Na visita á installação desta ilha, Sua Majestade El-Rei apreciou muito esse trabalho. Foi isso communicado d'ali ao sr. Simões que imediatamente deu ordem para que se offerecesse esse objecto a Sua Majestade. Depois da offerta recebeu o sr. governador civil este telegramma:

«Sua Majestade El-Rei meu Augusto Amo pede e diz agradeça em nome de Sua Majestade a Manoel de Sá e Silva e Antonio Pedro Simões a offerta do lindo filtro que fizeram a S. Majestade e que muito apreciou.»

Conde de Arnoso.

Em resposta expediu o sr. governador civil:

«Em nome Sá e Silva, Pedro Simões e meu agradeço muito reconhecido a honra que Sua Majestade El-Rei se dignou conceder acceitando a humilde offerta d'aquelles e respectiva communicação de V. Ex.ª.»

—

Sobre o mesmo assumpto telegraphou o sr. Hintze Ribeiro o seguinte:

—«Suas Majestades acceitam e agradecem o offerta

do filtro em alto relevo, producto de Manoel Sá e Silva, exposto por Antonio Pedro Simões.»

Agradeceu o sr. governador civil n'estes termos:

«Sá e Silva, Antonio Pedro Simões e eu agradecemos penhoradissimos a honrosa communicação por parte de Sua Majestade El-Rei da humilde offerta d'aquelles.»

Resente se o presente trabalho, tanto em disposição, redacção e revisão, da brevidade com que teve de ser feito.

Garantimos porem que não pecca por exageros nas referencias ás festas que a ilha Terceira fez, recebendo os seus monarchas. Afasta se mesmo do principio ordinariamente seguido de avolumar os factos.

Será perduravel n'este povo a saudade por D. Carlos 1.º e rainha D. Maria Amelia, como o é a sua lealdade para com a Casa Reinante de Portugal.

VIVA A FAMILIA REAL PORTUGUESA!